

Rui Barbosa, a imprensa europeia e a crença na opinião pública na década de 1890.

Hernán E. Gómez*

Nos últimos anos os estudos que focam na imprensa enquanto fenômeno sociocultural tem reconhecido a relevância de uma abordagem que considere o fenômeno da globalização. A globalização da imprensa significou tanto a difusão e consagração de formatos jornalísticos e de modelos de jornal¹ quanto de gêneros jornalísticos como a entrevista, os *faits divers*², a reportagem, as notícias telegráficas, entre outras. Nesse processo, intelectuais e jornalistas com trajetórias cosmopolitas colocaram em destaque a dimensão nacional e internacional da imprensa e da opinião pública. O foco em tais atores que atravessaram as fronteiras dos países e desenvolveram pontos de vista específicos e “saberes especializados” pode contribuir para uma análise reflexiva das histórias da imprensa “centradas na nação” e observar a dinâmica entre a criação de um espaço jornalístico nacional e a construção de um espaço internacional de notícias e jornais.

O objetivo do trabalho é problematizar o papel da globalização da imprensa na circulação de ideias e na difusão de crenças, através do foco num aspecto da ação que Rui Barbosa teve no universo jornalístico no Rio de Janeiro na década de 1890, provavelmente a sua década de maior atividade na imprensa³, como leitor (e tradutor) de jornais europeus. Pontualmente se abordará o papel que tal atividade teve na formulação

* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ / ITR).
Doutor em Antropologia.

¹ Neste sentido podemos nos referir ao trabalho de Diana Cooper-Richet (2010) “La diffusion du modèle victorien à travers le monde. Le rôle de la presse en anglais publiée en France au XIXe siècle”

² Podemos nos referir ao trabalho de Valeria Guimarães (2010) “A Revista *Floreal* e a recepção aos faits divers na virada do dezenovevinte”.

³ Podemos destacar as suas funções de redator e redator-chefe do *Jornal do Brasil* em 1893, e de redator e redator-chefe d’*A Imprensa* entre 1898 e 1901; assim como também suas colaborações ao *Jornal do Commercio* ou a jornais argentinos como *La Prensa* e *La Nación*.

de suas ideias a respeito da opinião pública, principalmente o peso que estava adquirindo no seu pensamento a ideia da existência de uma opinião pública internacional e as suas formulações sobre a relação entre opinião pública e instituições jurídicas.

“Opinião pública” e os seus especialistas.

Segundo Malinowski (1984 [1916]: 257), “[...] cada crença reflete-se em todas as mentes de uma dada sociedade e manifesta-se em muitos fenômenos sociais. É, por conseguinte, complexa e, na verdade, apresenta-se à realidade social com uma variedade extraordinária, muitas vezes confusa, caótica e elusiva”⁴. Nós temos percebido que a crença na “opinião pública”, por volta do final do século XIX, existia em diversos segmentos sociais, e podemos presumir que um amplo número de pessoas tinha alguma ideia sobre “opinião pública”. No entanto, tais ideias se apresentaram em forma diferenciada no espaço social. Ao analisar a ação de Rui Barbosa no universo jornalístico, pretendemos indagar a existência de um segmento social específico formado por jornalistas, políticos e outros atores do mundo intelectual que demonstraram possuir um conhecimento maior ou diferente sobre a opinião pública. Ademais se verificou por parte destes (e sobre um universo amplo da população) uma forte ação pedagógica e de difusão dos sentidos da opinião pública.

Com efeito, segundo Malinowski (1984 [1916]:266), “em quase todos os domínios da crença existe uma classe de homens cuja posição social os faz aceder a um conhecimento especial das crenças em questão”.⁵ A própria trajetória e posição social

⁴ Malinowski referia-se especificamente ao *Baloma* (crença no “espírito dos mortos”) nas Ilhas Trobriand, onde ele fez trabalho de campo entre 1915 e 1918.

⁵ Um caso paradigmático daqueles “intérpretes do dogma” (da opinião pública) foi o intelectual francês Gabriel Tarde (1843-1904), o qual escreveu no final da década de 1890 um conjunto de artigos que conformaram a obra publicada em 1901 com o título *L’Opinion et la Foule*. Ali desenvolveu uma das primeiras análises sociológicas da opinião pública, conceito que estava adquirindo grande relevo em diversos segmentos da sociedade. Num dos artigos, denominado “O público e a multidão”, aparecido na *Revue de Paris*, em 1898, analisa o surgimento, junto com a imprensa de massas, de uma nova forma de agrupamento social o público, confrontando-o com as massas. Champagne (1998 [1990]) em *Formar a opinião* sugere que o papel da imprensa no caso Dreyfus deve ter influenciado a visão de Tarde do poder da grande imprensa. Concretamente Tarde (2005 [1901]) exemplifica através do caso Dreyfus uma das características da “vida civilizada” : o “prestígio da atualidade” ou “sensação da atualidade”. “Quando sofremos sem perceber esse invisível contágio do público de que fazemos parte, somos levados a explicá-lo pelo simples prestígio da atualidade. Se o jornal do dia nos interessa a esse

de Rui Barbosa revelam os mecanismos através dos quais adquiriu tais conhecimentos. Ele torna-se uma pessoa de amplo conhecimento sobre a opinião pública através da leitura de bibliografia de difícil acesso, francesa, inglesa, alemã, italiana e norte-americana⁶ sobre o tema e também pela própria leitura dos jornais estrangeiros (principalmente de países europeus e americanos). Vínculos com determinadas livrarias no Rio de Janeiro (encomendas de livros do exterior), assim como a procura desses bens culturais nas próprias viagens, possibilitaram o contato com um universo de textos e discursos que transcendiam as fronteiras do Brasil.

A “opinião pública internacional” nas *Cartas de Inglaterra*.

Um dos eventos que marcaram o exílio londrino de Rui Barbosa entre 1894 e 1895 foi a publicação das *Cartas de Inglaterra*, conjunto de textos enviados ao *Jornal do Commercio* a pedido do seu diretor José Carlos Rodrigues. A primeira delas, “O processo do capitão Dreyfus” é a que teve maior repercussão. A carta era um relato de como as imprensas inglesa e francesa tinham noticiado a prisão e o processo do capitão Dreyfus, um militar judeu francês, acusado de traição à pátria, cujo julgamento teve uma repercussão na imprensa do mundo inteiro permanecendo vários anos no interesse jornalístico. Tal carta, em alguns aspectos não saía da normalidade de um evento jornalístico convencional: a colaboração do exterior. O fato de comentar e transcrever fragmentos de jornais (principalmente os mais lidos ou os mais prestigiados) de diversos países europeus (principalmente Portugal, França, Inglaterra, Alemanha) ou Estados Unidos era uma prática comum entre os intelectuais no Rio de Janeiro, principalmente neste tipo de matérias. Contudo, a peculiaridade do texto enviado por

ponto, é que ele nos relata fatos atuais, e seria a proximidade desses fatos, não a simultaneidade de seu conhecimento por nós e por outrem, que nos apaixonaria por seu relato. [...] O que é reputado de atualidade é apenas o que acaba de acontecer? Não, é tudo o que inspira atualmente um interesse geral, mesmo que se trate de um caso antigo. [...] Durante todo o caso Dreyfus, ocorriam na África ou na Ásia fatos capazes de nos interessar muito, mas foi dito que eles não tinham nada de atual.” (TARDE, 2005 [1901]: 8)

⁶ O acervo bibliográfico de Rui Barbosa, tradicionalmente conhecido pelo universo de livros de direito, possui um importante segmento referente à temática da imprensa e a opinião pública. Sem poder precisar a data da aquisição e leitura dos livros, há indícios, a partir da própria citação que efetua Rui Barbosa de alguns destes nos seus textos jornalísticos, de que pelo menos de parte deste acervo ele teve uma apropriação na época.

Rui Barbosa era que sua análise focava no comportamento dos jornais enquanto reflexo do comportamento da opinião pública nos dois países. Quiçá essa peculiaridade determinou que o texto transcendesse as fronteiras do Brasil. Rui Barbosa, da mesma forma que outros intelectuais e políticos na época, estava se interessando em refletir sobre um fenômeno social relevante: a opinião pública. Esta preocupação pela opinião pública naquelas cartas não foi um fato isolado na sua trajetória. Pouco tempo depois de sua saída do Brasil, em 1893, Rui Barbosa tinha enviado uma série de cartas aos jornais argentinos *La Nación* e *La Prensa* explicando as causas do seu exílio, e os acontecimentos que o levaram a viajar a Buenos Aires⁷. Na carta a *La Nación* publicada em 13/11/1893 depois de referir-se à situação de dois “publicistas” argentinos (Sarmiento e Alberdi), os quais tinham apelado no exílio a uma intensa atividade jornalística como ferramenta política, Rui tinha escrito: “Fecharam-me a imprensa, o Senado, os tribunais, onde, batendo-me pelos perseguidos, conquistei, em prêmio, para mim, a perseguição. Devia, pois, trazer o meu caso à única tribuna, que me restava: a da publicidade estrangeira.”

R. Magalhães Júnior (1965) faz uma minuciosa descrição de como Rui utiliza os jornais ingleses: *Daily Graphic*, *Spectator*, *Daily News*, *Saint James's Gazette*, *Times* e o jornal francês *Le Figaro*, o modo em que ele traduz praticamente todos os argumentos colocados nas reportagens destes jornais. Entre esses argumentos Rui Barbosa refere-se a um “observador estrangeiro” que “difícilmente poderá furtar-se a uma impressão de dúvida em face do caso Dreyfus” (RUI BARBOSA, 1896 : 22) Quer dizer, o próprio texto jornalístico escrito por Rui Barbosa revela a existência não só de “opiniões públicas nacionais” (no caso, a opinião pública inglesa e francesa) mas também de uma “opinião pública internacional”.

A publicação (e posterior tradução) do texto contribuía para a construção dessa “opinião pública internacional”. A primeira das *Cartas de Inglaterra* transcendeu as fronteiras do Brasil. Podemos mencionar, por exemplo, a sua difusão na Argentina. No início de 1898, o dia 19 de fevereiro, algumas semanas depois de ter se instalado de novo o caso na França, o jornal *El Tiempo* de Buenos Aires fez uma tradução e transcrição integral do texto da primeira das *Cartas de Inglaterra*. A passagem por Buenos Aires, em 1893, antes do seu exílio londrino, provavelmente havia aproximado

⁷ Diversos aspectos da experiência desse exílio são analisados em Lerner Sadcovitz (2001).

Rui do mundo intelectual e jornalístico portenho⁸. Naquele momento *El Tiempo*, fundado por Carlos Vega Belgrano, era um jornal novo mas que tinha uma importante repercussão e influência nos círculos políticos e intelectuais. Pouco tempo atrás, em dezembro de 1894, o jornal havia protagonizado um dos “casos de prensa” mais comoventes do país até então, quando, por causa de uma notícia aparecida no jornal, a Câmara dos Deputados decide a prisão do diretor, iniciando-se um conflito jurídico resolvido com a liberdade do jornalista, depois da atuação de Ernesto Quesada, prestigioso e jovem advogado, apresentando um hábeas corpus.⁹ Através desse acontecimento, e especialmente pelo desfecho favorável ao jornal, Vega Belgrano e *El Tiempo* haviam potenciado o seu prestígio, principalmente no próprio espaço jornalístico portenho.¹⁰ Assim, o jornal *El Tiempo* se tornou mais uma caixa de ressonância das *Cartas de Inglaterra* contribuindo para a ampliação de um público internacional e aumentando o prestígio de Rui Barbosa como um intelectual de alcance internacional, ativo narrador do caso Dreyfus e um estudioso das manifestações do fenômeno da opinião pública.

A “opinião pública” e as instituições jurídicas n’ *A Imprensa*.

Em março de 1899, no Rio de Janeiro, Rui Barbosa então redator-chefe d’ *A Imprensa* escreve um conjunto de editoriais que refletem as novas repercussões e desdobramentos do caso Dreyfus na França. Nesses textos jornalísticos, Rui Barbosa desenvolve um dos problemas para ele de maior relevância: a relação entre a opinião pública e os tribunais, tema que o preocupava desde tempo atrás.¹¹

⁸ O acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa possui a correspondência entre o intelectual brasileiro e “publicistas” argentinos de renome.

⁹ Ernesto Quesada, nascido em 1858 em Buenos Aires, teve uma formação cosmopolita “ligada à carreira intelectual e diplomática do seu pai: Vicente Quesada”. Depois de fazer estudos em Paris com Renan e Fustel de Coulanges, Ernesto Quesada volta a Buenos Aires, forma-se em Direito e participa na *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885). (Terán, 1999) Nessa revista, em 1883 Ernesto Quesada publicou o texto “el periodismo argentino”. No início do século é nomeado professor titular da cátedra de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

¹⁰ Entre 1898 e 1899 Vega Belgrano presidiu o Círculo de la Prensa, e pouco tempo depois, em 1901 presidiu o Primer Congreso de la Prensa Argentina. (Beltrán, 1943)

¹¹ Num banquete oferecido pelo próprio diretor do *Jornal de Comercio* no 30 de novembro de 1895 ele tinha se referido à forma pela qual a imprensa e o direito tinham confluído na sua vida, assim como

Em “os tribunais e a opinião” (do dia 22 de março) Rui Barbosa analisa a falta de independência dos tribunais franceses e critica a subalternidade dos tribunais à opinião pública visualizada no denominado “inquerito Mazeau”, pelo qual sob alegação de “circunstâncias excepcionais” se conclui pela necessidade de desaposar a função da Câmara Criminal naquele caso. Rui Barbosa distingue a existência de uma “falsa opinião pública” de uma “opinião pública soberana”. A primeira seria um “manequim de todas as facções, de todas as situações, de todas as opressões” e atentaria contra a independência da justiça:

“De modo que, se a *opinião pública* dos parlamentos, a opinião pública das administrações, a opinião pública dos políticos houver de ser a bússola dos tribunais, o em que irá dar a justiça, é num catavento de todos os sopros da corte, de cabala, da rua, ou do quartel, num títere dos corrilhos, das reações e das sedições, na mais vil das máscaras, na mais hipócrita das mentiras, na mais insidiosa das armadilhas ao direito.” (*A Imprensa*, 22/3/1899)

A segunda, a opinião pública soberana, garantiria a própria independência dos juízes.

“Onde a opinião for seriamente soberana, o critério do juiz será sempre independente. Só se invade a consciência dos tribunais, como se está fazendo em França, como se tem querido fazer no Brasil, entre as nações onde a falsa opinião pública usurpa o lugar da verdadeira.” (*A Imprensa*, 22/3/1899)

Na descrição dessa situação (do inquérito Mazeau) Rui Barbosa se refere a suas repercussões no exterior, e cita um editorial do jornal *Times* de Londres denunciando-a:

“Tão ignóbil era o papel destes que o sentir das outras nações se revoltava contra a humilhação, imposta àqueles juizes, de responderem como acusados ordinários à obra frívola de tais infamadores. ‘Faz do que magistrados de um grande país, dizia o *Times*, ‘se vejam constringidos a responder a calúnias a um tempo tão transparentes e tão malignas’.” (*A Imprensa*, 22/3/1899)

No mesmo texto coloca: “Mas não era só a Inglaterra e a Europa que se exprimiam assim por órgão do *Times*”, mostrando a relevância da atuação do jornal.

Em “Leis de circunstância” (do dia 23 de março) Rui Barbosa continua tratando o assunto agora apoiado, ademais de pelos textos do *Times*, pelos textos dos jornais

aos vínculos estreitos entre as duas esferas. “Mas, senhores, não há justiça sem imprensa. A publicidade é o princípio que preserva à justiça de corromper-se. Todo o poder, que se oculta, perverte-se. [...] O jornalismo põe o homem em comunicação viva com a sua nacionalidade pelos infinitos órgãos da relação que a publicidade estabelece, e franqueia-lhe uma escola singular de experiência, trabalho, discricção e intrepidez. É por ele que o olhar da Nação mergulha nos tribunais, é por ele que a justiça reanimadora ilumina a nação. Nos conflitos entre a magistratura inerme e o poder armado, onde está a força de magistratura? Na opinião pública, eco da consciência nacional.” (RUI BARBOSA, 1952 [1895]: 183)

Spectator e *Daily Chronicle*. Em “Aquém e além-Mancha” (do dia 24 de março) ele se refere a sua “insistência em contrastar as praxes demagógicas do governo francês com a crítica liberal da opinião inglesa”. Neste sentido, pode-se observar, de novo, como ele descreve e delimita opiniões públicas nacionais, e o papel de determinados jornais, “órgãos”, expressando tais opiniões.

Em “A reprovação universal” (do dia 25 de março) Rui Barbosa faz um detalhado relato, já não da indignação dos jornais britânicos, mas de como a imprensa em Viena e em Paris tinha tratado as resoluções dos tribunais franceses. No início da matéria refere-se à “natureza cosmopolita dos interesses morais” a qual estaria refletida no interesse jornalístico do caso em diversos países. A seguir cita trechos de diferentes jornais *Neve Frei Presse*, *Fremdenblatt*, *Wiener Tagblatt*, *Wiener Allgemeine Zeitung* para finalmente citar ao *Temps* e *Le Figaro*, como exemplo de como um segmento do jornalismo francês condenou tal precedente. No caso do *Temps*:

“Sabe-se a que o governo da. Trata-se, ao que ele expõe, de um ato de apaziguação, e é só com este intuito que se requer da Câmara o voto de desaforamento. Apaziguar a quem? Que coisa apaziguar?-Essa fração do povo, que argúi a Câmara Criminal? –Mas ela a crimina sem razão. É o em que convém o Governo. Mas então lhe bastará serem ultrajados esses juizes, posto que sem motivo, para que lhe pareça necessário satisfazer aos seus inimigos? Aí tem, hão de confessar, uma estranha teoria. De futuro, pois, não dependerá mais que do bel prazer de alguns jornalistas ou oradores o inabilitarem qualquer tribunal regular, que lhes houver desagradado? (A *Imprensa*, 25/3/1899)

No caso do *Le Figaro*:

“Acaba-se de ler o volumoso inquérito, que há de servir de preâmbulo à discussão do projeto de lei de circunstância, deposto pelo governo. Esse inquérito foi transmitido aos guarda selos mediante uma carta do Sr. primeiro presidente MAZEAU que o julgado da Câmara Criminal não satisfaça a opinião pública. Ouço agora, pela primeira vez na minha vida, sustentar a um jurista que as sentenças da justiça tem por fim satisfazer a opinião pública. Até aqui supunha eu que aos juizes pouco se lhes desse da opinião pública, e que os seus arestos tivessem precisamente por objeto fixá-la, não lhe obedecer.

Se assim não fora, e o juiz tivera de consultar a opinião popular, não se percebe porque haveria tribunais [...]” (A *Imprensa*, 25/3/1899)

Reflexões finais.

Pensar Rui Barbosa enquanto leitor (e “tradutor”) de textos de jornais de países da Europa nos colocou alguns desafios para analisar a imprensa de um ponto de vista mundial, saindo das “visões centradas na nação” que predominaram nos estudos histórico-socioculturais. A imprensa do final do século XIX no Brasil adquire outras dimensões analíticas sob a luz de processos mais abrangentes (de circulação de ideias, crenças, textos, etc.) que transcendem as próprias fronteiras nacionais. O deslocamento provocado pelo seu exílio, em 1893, de alguma forma, colocou Rui Barbosa numa situação especial ao percorrer espaços sociais e jornalísticos diversos. Nessa situação, e influenciado provavelmente pela própria dinâmica dos espaços nacionais e jornalísticos na Europa, é que ele se referiu ao “leitor estrangeiro”, às “opiniões públicas nacionais” ou à “opinião pública internacional”.

O “uso” de Rui Barbosa dos textos jornalísticos (dos jornais europeus ou dos nacionais) se correspondem com uma forte crença na relevância da opinião pública, seja nacional ou internacional. As características do acervo de recortes jornalísticos que ele construiu refletem tais crenças¹². A quantidade de recortes, a diversidade de jornais de que eram origem, o tratamento e o acompanhamento de notícias específicas revelam o cuidado que ele dava ao fato jornalístico. Cada notícia de jornal era recortada e colada numa folha em branco, indicando-se na maioria dos casos o nome do jornal e a data da publicação. Muitos recortes apresentavam trechos sublinhados. Algumas vezes, como no caso das *Cartas de Inglaterra* e os textos publicados no jornal *A Imprensa*, que analisamos, Rui Barbosa utilizou as notícias estrangeiras como citações na construção de textos jornalísticos. Outras vezes as notícias recortadas tiveram usos como aquele que destaca Ludolf de Melo em “Rui Barbosa e o manuscrito” em que se refere a “inúmeros recortes” para “comprovar suas afirmativas, respaldar dados ou denúncias apresentadas ou complementar alguma informação sobre o assunto tratado” (LUDOLF DE MELO, 2000 : 220)

Finalmente, a análise das *Cartas de Inglaterra* e dos textos publicados no jornal *A Imprensa*, revelam a necessidade de, ao abordar a globalização da imprensa, refletir

¹² Tal crença na importância dos textos jornalísticos (materializados nos “recortes”) pode-se observar também na existência na época de “agências de recortes jornalísticos” em diversas cidades do mundo, as quais, ofereciam às pessoas as notícias recortadas sobre determinados temas “a pedido”.

mais sobre a prática da intertextualidade entre os jornais da época, sem deixar de considerar a análise das condições sociais (de possibilidade) dessas práticas intertextuais.

Bibliografia:

BARBOSA, Rui. *Cartas de Inglaterra*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1896.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa*. Vol. XX 1893. Tomo I. Visita à terra natal. Discursos parlamentares. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde. 1948.

_____. *Obras completas de Rui Barbosa*. Vol. XXII 1895. Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde. 1952.

BELTRAN, Oscar. *Historia del Periodismo Argentino*. Buenos Aires : Ed. Sopena Argentina, 1943.

BOURDIEU, Pierre. “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nro.145, 2002, p. 3-8.

CHALABY, Jean. “Journalism as an Anglo-American Invention. A Comparison of the Development of French and Anglo-American Journalism, 1830-1920s”. *European Journal of Communication*. Vol 11 (3), 1996, p. 303-326.

CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998 [1990].

COOPER-RICHET, Diana. “La difusión du modèle victorien à travers le monde. Le rôle de la presse en anglais publiée en France au XIXe siècle”. In: THÉRENTY, Marie-Éve; VAILLANT, Alain (dir). *Presse, nations et mondialisation au XIXe siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010.

ESPAGNE, Michel. “Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle.” In: *Genèses*, 17, 1994, pp. 112-121.

FERENCZI, Thomas. *L'invention du journalisme en France. Naissance de la presse moderne à la fin du XIXe siècle*. Paris: Librairie Plon, 1996 [1993].

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Rui, sua casa e seus livros*. Rio de Janeiro, 1980.

GUIMARÃES, Valeria. “A Revista Floreal e a recepção aos faits divers na virada do dezenovevinte”. In: *Revista Galáxia*, São Paulo, nro. 19, pp. 274-290, jul 2010.

HABERMAS, Jürgen. *Historia y crítica de la opinión pública. La transformación estructural de la vida pública*. México: Ediciones G. Gili S.A.de C.V., 1997 [1962].

LERNER SADCOVITZ, Sarah. *Carta do exílio: Rui Barbosa e o processo do Capitão Dreyfus*. Rio de Janeiro: 2001. Dissertação (Mestrado) UERJ.

LUDOLF DE MELO, Maria Lucia H. “Rui Barbosa e o manuscrito”. In: *Estudos Históricos sobre Rui Barbosa*. pp. 205-256. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

LUSTOSA, Isabel. “Rui Jornalista”. In: *Estudos Históricos sobre Rui Barbosa*. pp. 9-42. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

MAGALHÃES, Rejane. *Rui Barbosa na Villa Augusta*. Rio de Janeiro: Ministério de Cultura, Fundação Casa Rui Barbosa, 1994.

MAGALHÃES JUNIOR, R. *Rui. O homem e o mito*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Lisboa : Edições 70, 1984.

MELO, José Marques de. (org). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

MINGUZZI, Livio. *La teoria della opinione pubblica nello stato costituzionale*. Torino-Roma: L. Roux, 1893.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.

QUESADA, Ernesto. *Los privilegios parlamentarios y la libertad de la prensa*. Buenos Aires: Arnoldo Moen Editor, 1896.

REYNIEÉ, Dominique. “Introdução: Gabriel Tarde, teórico da opinião”. In: Tarde, Gabriel. *A Opinião e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. [1901]

SCHUDSON, Michael. “Question authority: a history of the news interview in american journalism, 1860-1930s”. In: *Media, Culture and Society*. Vol. 16 (1994), pp. 551-563. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE.

_____. “News, public, nation”. In: *The American Historical Review*, pp. 481-495, abril 2002.

TERÁN, Oscar. “Ernesto Quesada o como mezclar sin mezclarse”. In: *Prismas*, Revista de história intelectual, nro. 3, 1999, pp. 37-50.